



## EDITORIAL

### SOMOS PRÁTICOS OU TEÓRICOS?

---

Segundo ARISTÓTELES, o objeto da ciência prática é a formulação de regras que orientem a ação para a realização de fins determinados. Para êle a sabedoria teórica está contida nas ciências que nos dão verdades universais sôbre as relações fixas e inalteráveis das coisas no Universo, ou, em outras palavras, nos ensinam as leis da Natureza; a sabedoria prática é a inteligência aplicada ao contrôle e à direção da vida humana para a realização da felicidade na comunidade. Em ambas o método é o silogismo, isto é, o raciocínio no sentido de verificar se certos fatos especiais são casos de uma regra, princípio ou verdade geral.

O conhecimento dos princípios de qualquer ciência, ainda segundo ARISTÓTELES, pode ser apreendido intuitivamente pela inteligência, ou como resultado de indução a partir da experiência. Sucessivas repetições das mesmas percepções levam a uma experiência única, e é refletindo sôbre ela que chegamos aos princípios mais simples e universais.

Também para os pragmáticos da administração moderna a experiência é o ponto focal do conhecimento; e a indução — ou, como modernamente é chamada, o *bom-senso*

— a forma de partir da experiência para regras, princípios ou verdades gerais.

Quem dera fôsse tão fácil refletir sôbre a experiência quanto enunciar a regra segundo a qual é ela que leva o ser humano — pela indução ou pelo bom-senso — aos princípios universais. Tão simples em tese, a reflexão sôbre a experiência é, na verdade, exercício de raciocínio que deve necessariamente transpor a percepção individual. A percepção meramente individual é sempre limitada, parcial, viciada pela personalidade daquele que percebe.

É para formular regras que orientem a ação do administrador para a realização de objetivos predeterminados, transposto o mero limite de percepção individual da experiência, que a *REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS* dirige seu esforço. Nos trabalhos que publica há, quase invariavelmente, o resultado de estudos e observações de experiências e percepções das mais diversas e a preocupação de recomendar que, sob certas condições, sejam desempenhados determinados atos que levem à realização da “felicidade na comunidade” de que falava o filósofo.

Não nos intitulamos, portanto, teóricos. Neste número da *REVISTA*, por exemplo, todos os artigos têm cunho eminentemente prático e recomendam, direta ou indiretamente, ações que, com base nas observações e nos estudos dos autores, melhor levarão as empresas à realização de seus objetivos. Não inteiramente por coincidência, dois dos artigos falam em “prática” no título.

Nossa contribuição à ciência *prática* da Administração — que, como se sabe, é ainda incipiente — é a de dar abrigo e divulgação às reflexões de estudiosos e administradores que, como aquêles que se incluem no presente número, queiram ajudar a construir êsse grande edifício científico.

Acolhemos com prazer os artigos de “práticos” como nós, que não pretendam explicar o mundo com um ou dois princípios, nem reduzir todo o conhecimento à experiência própria. Ainda que alguns desses trabalhos sejam sômen-

te especulativos — “teóricos”, no sentido corriqueiro do termo — é suficiente que auxiliem a reflexão sistemática e imparcial e a explicação dos fenômenos sob condições definidas para serem *práticos* no sentido aristotélico da palavra. E é nesse sentido que importa desenvolver a ciência *prática* da Administração.

A handwritten signature in black ink, appearing to read "J. B. B. B." with a stylized flourish at the end.